

Educação estética e direito: interpretação de prosas e poesias de apenados¹

Aesthetic Education and Law: interpretation of prose and poems of prisoners

Graciela Ormezzano²

Mauro Gaglietti³

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar relacionada à justiça restaurativa, à psicologia analítica de Jung e ao processo de educação estética. Os objetivos foram: investigar as implicações da escrita na vida dos participantes de um concurso literário; evidenciar a significação das prosas e poesias criadas por seus autores, todos integrantes do sistema carcerário do Rio Grande do Sul e observar os processos educativos estéticos que se evidenciaram. O campo de ação envolveu todas as regiões penitenciárias e as Casas Especiais de Charqueadas e Porto Alegre/RS. A seleção dos participantes foi realizada partindo dos textos escritos publicados no livro *O pensamento é livre*: prosa, poesia, desenho, envolvendo um total de nove pessoas do sexo masculino e uma do sexo feminino. A coleta de informações abrangeu quatro prosas e seis poesias publicadas, além dos depoimentos dos participantes. As prosas e as poesias foram interpretadas com base em Jung (1977) e Durand (2001). Os achados da investigação resultaram na interpretação pelos pesquisadores das narrativas orais e escritas produzidas pelos participantes.

Palavras-chave: Justiça restaurativa. Educação estética. Psicologia analítica. Apenados.

ABSTRACT

This is an interdisciplinary research connecting restorative justice, analytic psychology of Jung and the aesthetic education process. The objectives were: to investigate the implications of writing in the

1 Artigo recebido em: 3-8-09. Aprovado em 21-11-09.

2 Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Coordenadora de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Artes e Comunicação (FAC/UPF). Coordenadora do Curso de Especialização em Arteterapia. Docente e pesquisadora do curso de Artes Visuais, da Especialização em Arteterapia e do Mestrado em Educação da Universidade de Passo Fundo (UPF). *E-mail:* gormezzano@upf.br

3 Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor e pesquisador na Fundação Meridional/Complexo de Ensino Superior Meridional (IMED, Passo Fundo/RS). Professor da FAI (Itapiranga/SC). Professor visitante no Mestrado em Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI, Santo Ângelo/RS). Coordenador da Editora IMED. *E-mail:* maurogaglietti@via-rs.net

lives of the participants of a literary concourse; to express the meaning of prose and poetry created by the authors, all of them members of the penitentiary system of Rio Grande do Sul and to watch the aesthetic educative process among them. The field was all the penitentiaries regions and Special Houses of Charqueadas and Porto Alegre, RS. The participants were selected from published texts in the book *O pensamento é livre: prosa, poesia, desenho*, totalizing nine male and one female subjects. The collect of datas considered four proses and six poetries, also, the talks of depositories. The proses and poetries were interpreted with base in Jung (1977) and Durand (2001). The results of the research were researchers' interpretation about oral and writing narratives produced by the participants.

Keywords: Restorative justice. Aesthetic education. Analytic psychology. Prisoners.

Introdução

Este texto faz parte de uma pesquisa mais ampla relacionada à Justiça Restaurativa e ao atual paradigma de justiça tradicional centrado, exclusivamente, na punição, e não, na solução dos conflitos, esquecendo, desse modo, as vítimas como sujeitos do processo judiciário. Além da operação e da interpretação do Direito a partir de uma perspectiva sistêmica, o referido projeto de pesquisa busca, em primeiro lugar, abordar, em seus aspectos principais, a teoria da personalidade presente na psicologia analítica esboçada pelo médico psiquiatra Carl Gustav Jung, para, em seguida, estabelecer relações com as questões envolvendo a violência, o imaginário e os aspectos associados, direta ou indiretamente, à educação estética e à política pública de socioeducação.

Desse modo, a primeira fase da pesquisa centra-se na busca da significação do ato de escrever entre os integrantes da população carcerária, ganhadores do I Concurso Literário do Sistema Penitenciário do Rio Grande do Sul, realizado em 2001 pela Coordenação do Livro e Literatura da Secretaria de Cultura de Porto Alegre (SMC/PMPA) e pela Superintendência dos Serviços Penitenciários do Estado do Rio Grande do Sul (Susepe). Justificamos a relevância desta investigação pelas possibilidades que a escrita oferece como contribuição para a educação no cárcere, ênfase dada em razão do conteúdo dos textos dos participantes do concurso.

Diante do exposto, foram delineados os seguintes objetivos: investigar as implicações da escrita na vida dos participantes do concurso mencionado; evidenciar a significação das prosas e poesias criadas por seus autores, todos integrantes do sistema carcerário do Rio Grande do Sul e observar os processos educativos estéticos que se evidenciam. O campo de ação esteve compreendido por todas as regiões penitenciárias e as Casas Especiais de Charqueadas e Porto Alegre/RS. A seleção dos participantes foi realizada partindo dos textos escritos publicados no livro *O pensamento é livre: prosa, poesia, de-*

senho, envolvendo um total de nove pessoas do sexo masculino e uma do sexo feminino que ainda se encontravam em reclusão. A coleta de informações abrangeu quatro prosas e seis poesias publicadas, além dos depoimentos dos participantes.

Buscamos, desse modo, focalizar o olhar na produção textual saída das prisões do Rio Grande do Sul.⁴ Inúmeros são os desafios interpretativos que se apresentam nos testemunhos sobre as vivências penitenciárias. Como ler a alteridade e um potencial crítico-político emergente nessas narrativas que encontramos já apropriadas por instâncias em relação às quais, tradicionalmente, guardamos muitas reservas? O dado presente e excepcional está, possivelmente, na coincidência entre a autoria do crime, o sujeito da delinquência, e a autoria e assinatura do relato. Há em tudo isso uma força que, mesmo em condições precárias, preserva a eficácia política e a resistência crítica dessas narrativas. Podemos ler, como estruturante no jogo de aproximação e distanciamento, o fato de que toda a apresentação insistente da delinquência esteve intermediada pelo discurso jurídico e a instituição policial, ambos adversários do crime, quando não se apresenta como sua vítima nos meios de comunicação social, no papel de seus porta-vozes.

Eco (2001) refere-se à importância do significado aberto de um texto, embora procure mostrar que a interpretação não é ilimitada e exige critérios. Nos últimos escritos sugere que sejam consideradas a intenção do autor, a intenção do intérprete e a intenção do texto em si. Para isso, estabeleceram-se os seguintes critérios: a) leitura do texto; b) descrição; c) simbologia e imaginário; d) significado para o autor do texto; e) a síntese dos pesquisadores. (ORMEZZANO; GAGLIETTI, 2006).

No livro *O pensamento é livre*: prosa, poesia, desenho, estão publicadas as criações dos ganhadores do I Concurso Literário do Sistema Penitenciário do Rio Grande do Sul. Verificamos, nos textos escritos e visuais, uma incidência de marcas regionais e o apelo aos governantes para que alterem as condições socioeconômicas do País. Na obra encontramos as histórias individuais, o vigor das autobiografias, a sinceridade das revelações, a busca do perdão, um constante retorno à infância e uma visão segundo a qual o sistema carcerário seria o maior produtor de criminosos. Cada texto, cada poema, cada desenho é uma fuga para dentro de si mesmo, é a liberdade do momento conquistada no interior de cada um. Notamos uma clara transformação, aos nossos olhos, do preso em ser humano pela palavra e o traço

4 *O pensamento é livre*: prosa, poesia e desenho foi a denominação dada ao I Concurso Literário do Sistema Penitenciário do Rio Grande do Sul, realizado em 2001. A organização do evento contou com a participação de Julieta Villamil Balestro, Mauro Gaglietti, Cíntia Moscovich, Janete dos Santos Araújo, Luciana Vaz, Elizete Ventorini, Márcia Santos, Clarice Alves e Clóvis Rodrigues de Borba. Em 2002 os trabalhos selecionados foram publicados na obra *I Concurso Literário do Sistema Penitenciário do Rio Grande do Sul* (1.: 2002: Porto Alegre/RS). *O pensamento é livre*: prosa, poesia e desenho/Governo do Estado do Rio Grande do Sul; Prefeitura Municipal de Porto Alegre (ISBN 8570632219). O nome escolhido para o concurso e o livro foi uma das sugestões dadas pelos próprios apenados, nas oito Regiões Penitenciárias e duas Casas Especiais (Porto Alegre e Charqueadas) administradas pela Susepe.

pungente de quem quer ser apenas ouvido, das possibilidades educativas que desenvolvem a criação, a expressão, o imaginário e da oportunidade de transformação que a linguagem ofereceu no resgate de valores como processo ético-estético.

No regulamento do concurso, constava para a categoria “Prosa”: “concorre todo e qualquer texto de caráter narrativo (crônica, conto, carta, relato de vivências) e/ou dissertativo (redação)”. (CONCURSO..., 2002, p. 115). Os textos não deveriam ultrapassar o limite de dez páginas datilografadas ou quinze manuscritas. Concluída a interpretação das prosas, em continuação, são estudadas as poesias. Para a categoria “Poesia”, constava no regulamento do concurso: “concorrem textos em linguagem poética (poemas e letras de música)”. (CONCURSO..., 2002, p. 115). As prosas e as poesias foram interpretadas com base em Jung (1977) e Durand (2001). Os achados da investigação resultaram na interpretação das narrativas orais e escritas produzidas pelos participantes. Na sequência, segue a interpretação dos textos escritos selecionados para esta pesquisa, primeiramente, as quatro prosas e, depois, as seis poesias selecionadas para esta investigação.

O agricultor dos sonhos

Ao ler essa prosa, onde o encarcerado relata a sua história de vida, podemos perceber que o motivo que leva a maioria dos homens ao crime começa com a falta de estrutura familiar, a pobreza, a baixa autoestima, entre outros problemas. O autor começa contando a sua infância, inocente e abandonada, pois já havia sofrido no ventre de sua mãe e tinha sido rejeitado ao nascer. O texto relata que uma criança nasceu, e o pai, por sua vez, não assumiu a paternidade, e que as precariedades na vida não foram poucas. Como para todo homem seu nascimento é o nascimento do mundo, ele vê desde o início o mundo excluindo-o. Para ele pode ser a mesma coisa: que ele nasça ou que o mundo nasça; dessa forma, a sua morte é como se fosse o fim de tudo e, de fato, o é para ele. Para aquele que falece tanto faz morrer para o mundo da existência como que o mundo morra com ele. No texto duas pessoas morrem: a vítima e o agressor.

Apesar de gostar de estudar, essa criança teve de abandonar os estudos, pois, frequentemente, mudava de cidade com sua família. Seu primeiro contato com o trabalho foi com seu tio, um agricultor. Logo na adolescência, envolveu-se com roubos, ficou preso, foi vítima do preconceito racial por ser negro e foi pai muito jovem. Sofreu muito e ainda sofre com os problemas familiares, o alcoolismo do tio que o acolhia e sua morte e, agora, também com o descaso do sistema penitenciário. Fugiu da prisão, tornou-se um trabalhador e tentou voltar a estudar, mas numa desa-

vença, ao tentar defender-se, cometeu um homicídio. Foi então que mudou de cidade e reconstruiu sua vida; tudo estava dando certo, porém foi encontrado para pagar sua dívida com a Justiça. Tendo penado muito, reconhece que não tinha o direito de tirar a vida de alguém; embora implore pelos seus direitos, tem consciência de que terá de cumprir toda a pena e sabe, também, que enfrentará o preconceito ao tentar se reintegrar à sociedade.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2002), o título do trabalho em relação ao tema *agricultura* pode ser visto conforme alguns textos irlandeses: diz-se que os deuses são artistas, e os não deuses, agricultores. Temos no autor o caso de que foi agricultor e pretende ser artista. É evidente o caráter aristocrático e guerreiro da civilização celta, a qual teria deixado às populações inferiores, conquistadas ou submissas, o cuidado das funções produtoras. Ao usar o agricultor como símbolo, ele pode estar sugerindo que foi desprezado pela sociedade, assim como os agricultores sempre o foram. Observando a agricultura na hierarquia social, parece ter-se mantido sempre numa classe inferior, ao passo que o pastor ou o nômade tinha a mesma dignidade do guerreiro. Hoje os agricultores buscam conquistar o seu espaço e seus direitos como o autor do texto está fazendo. Em relação aos sonhos do adulto, a agricultura poderia significar uma atitude regressiva, um retorno ao útero, uma maturação espiritual travada diante de graves obstáculos afetivos. O agricultor de sonhos sonha muito com o retorno à vida familiar e à sociedade. Para Jung (1977) os sonhos são a autorrepresentação, espontânea e simbólica, da situação atual do inconsciente; sendo um dos melhores agentes de informação sobre o estado psíquico do sonhador, fornecem-lhe, em forma de símbolo, o quadro de sua situação existencial presente. O sonho é para quem sonha uma imagem insuspeitada de si mesmo, do ego e do *self*. O ser humano mais esclarecido e equilibrado tende a substituir o despedaçado entre seus desejos e suas dúvidas.

Os sonhos em que aparecem armas, como neste texto, são reveladores de conflitos, um conflito com fim trágico.

A arma é o antimonstro que, por sua vez, se torna monstro. Forjada para lutar contra o inimigo, pode ser desviada de sua finalidade e servir para dominar o amigo, ou simplesmente, o outro. Do mesmo modo, as fortificações podem servir como pára-choques contra um ataque e como ponto de partida para uma ofensiva. A ambigüidade da arma está no fato de simbolizar a um só tempo o instrumento da justiça e o da opressão, a defesa e a conquista. Em qualquer hipótese, a arma materializa a *vontade dirigida para um objetivo*. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 80).

O autor/apenado – no texto enviado para o concurso – faz uma autobiografia, pois, de início, coloca-se como autor: “O tempo foi passando e este menino logo se acos-

tumara a ser só.” Depois, transforma-se no protagonista da história: “Acompanhado de meu advogado compareci no Fórum e pasmem! Cadeia nele! Recebi a notícia que minha condenação tinha chegado, e eu deveria ir imediatamente para o presídio para cumprir o restante da pena a que estava condenado.” Quando lhe perguntamos sobre o significado do texto, declarou:

Escrevi a minha trajetória, umas passagens da infância, minha primeira passagem pela prisão, os castigos, os erros por ter fugido. Enfim procurei descrever que se eu tivesse aproveitado as outras oportunidades com certeza meu destino teria sido outro... o arrependimento por estar livre, foragido e por fim a última prisão.

O apenado/autor escreveu sobre o que mais o perturba, já que o arrependimento não é mais válido, pois nada mudará o seu passado. Apenas lhe resta um sonho de liberdade para que possa provar à sociedade que se restabeleceu por vontade própria. Ele pensa que, se dependesse do sistema penitenciário, só se transformaria num indivíduo “perigoso”, referindo-se, assim, ao cárcere, como “o colégio do crime”.

O apenado espera poder dar aos seus filhos uma vida mais digna, pois carrega consigo a dor de não ter tido o amor e o acompanhamento de seu pai. Quando retrata o seu nascimento e o de seus filhos, sofre com a falta de afetividade e as barreiras que encontra por não poder estar dando a sua família a atenção e as condições de vida que deveria ter.

Ao usar uma arma para se defender de alguém que parece não ser um inimigo propriamente dito, ele estava querendo se libertar da opressão que carregava dentro de si, mas, infelizmente, com a pessoa errada e no momento inoportuno. Se, agora, o autor/entrevistado diz estar no fundo do poço, podemos entender que se encontrou com toda a verdade, que está perturbando sua consciência.

Os caçadores da panela de ouro

A história se passa em um pequeno povoado, hoje reserva Ecológica do Taím, um lugar conhecido como “mal-assombrado”. Trata da vida de um menino muito pobre, que, às vezes, tem de pescar para comer; órfão de mãe e pai e morando com a avó e os tios, sonhava em ficar muito rico para não passar necessidades, o que poderia acontecer se encontrasse um tesouro escondido. Vários moradores da região, quando saíam sozinhos à noite, viam uma luz estranha que os levava em direção a um mato e que lhes dizia que, se tivessem coragem, que cavassem um determinado lugar e que ali haveria uma panela de ouro, contudo, deveriam ir sozinhos e não

contar o fato a ninguém. O texto assinala: “ – César não estás mentindo? A luz te falou que aqui tem mesmo uma panela de ouro?”/ “ – Falou sim, só que era para cavar sozinho, talvez seja por isso que não encontramos.” A luz, ao que parece, relaciona-se à escuridão para simbolizar os valores complementares de uma evolução determinada. “Toda epifania, toda aparição de uma figura ou de um signo sagrado é cercada de um nimbo de luz pura, astral, na qual se reconhece a presença do Além na iconografia islâmica, bem como na iconografia cristã.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 569).

A ascensão, nesses termos, está ligada a imagens luminosas, acompanhadas de um sentimento de euforia; entretanto, a descida está relacionada a imagens sombrias, acompanhadas de um sentimento de medo. Essas observações confirmam que a luz simboliza o desabrochar de um ser pela sua elevação, ao passo que as trevas simbolizam um estado depressivo e ansioso. (DURAND, 2001).

Todos tinham muito medo, e ninguém teve coragem para ir sozinho; então, sempre que cavavam, não encontravam nada. Apenas um homem comprou muitas terras e gado de corte, mas ninguém sabe explicar de onde ele tirou tanto dinheiro. O símbolo da moeda pode ser visto como a imagem da alma, que traz impressa a marca de Deus, assim como a moeda traz a do sucesso material.

Considerado o mais precioso e nobre dos metais, o ouro é o metal perfeito. Como quintessência do cobre, o ouro torna-se o princípio original da construção cósmica, da segurança humana e, também, da felicidade.

Em chinês, o mesmo carácter Kin designa ouro e metal. Tem o brilho da luz; o ouro, diz-se na Índia, é a luz mineral. Tem o carácter ígneo, solar e real, até mesmo divino. Em certos países a carne dos deuses é feita de ouro, o que também se verifica com os Faraós egípcios. Os ícones de Buda são dourados, signo da iluminação e da perfeição absoluta. O fundo dos ícones bizantinos – às vezes também o das imagens budistas – é dourado, reflexo da luz celeste. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 669).

O protagonista sonhava em ser como os fazendeiros vizinhos, mas desconhecia o fruto do trabalho por ser ainda menino. Mesmo o homem que havia comprado tanto gado, tendo encontrado a panela de ouro que poderia ter sido do menino, não estava saindo da miséria senão aumentando a fortuna herdada e aumentada por muitos anos de trabalho. Segundo o autor,

a história mostra, também, a vida simples de um menino do interior, a falta de conhecimentos, sua crença em mitos e assombrações. Esta crença e o medo do desconhecido fizeram-no ver, provavelmente, coisas que nunca existiram; terminando por abandonar o dinheiro que

estava nas mãos dele, ficando pobre o resto da vida. Isto mostra que não se deve ter medo de lutar por aquilo que se quer.

Já no início do texto, o autor relata dois problemas sociais: a falta de estrutura familiar do menino que morava com a avó e a pobreza. Então, se a criança sonhava em ficar rica, mas o medo e a insegurança a impediam de achar a panela de ouro o que, na verdade, pode-se considerar uma lenda, isso poderia ser interpretado como um símbolo do objetivo que tinha o protagonista e do medo de enfrentar os obstáculos da vida lutando, o que leva a que ele permaneça pobre.

O ouro pode também ser símbolo da busca de segurança não somente no plano material, mas também no plano afetivo. A luz em forma de lua pode simbolizar que essa busca significa crescimento e transformação, sendo necessário adentrar no escuro de sua vida, no inconsciente, na depressão, no medo que havia dentro dele na procura da luz como fonte de alegria, como solução diante de suas carências.

Alicerce

O texto fala do relacionamento do autor com o pai, sua amizade e seu companheirismo; cita a sua infância, sempre ao lado da figura paterna; os momentos que passaram juntos quando foi preso, o estímulo recebido do pai, as palavras duras, mas, ao mesmo tempo, carinhosas; enfim, fala da cumplicidade entre pai e filho e do grande amor que os une.

Considerando que o alicerce é a base, a segurança, o que dá o apoio, o que mantém a casa em pé, se considerarmos que a casa é um símbolo do ser humano, o alicerce aparece expresso na figura paterna. O texto diz: “Meu pai sempre foi um alicerce, um porto seguro, onde procuro reconfortar-me. Sempre que tenho problemas o procuro.”

A casa significa também o ser interior, os diversos estados da alma. “A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade.” (BACHELARD, 2000, p. 36). Mais adiante, o filósofo escreve: “Para além das lembranças positivas que são material para uma psicologia positiva, é preciso reabrir o campo das imagens primitivas que talvez tenham sido os centros de fixação das lembranças que permaneceram na memória.” (2000, p. 47).

Nessa história, o alicerce significa a figura do pai, figura que, devido a uma estrutura social patriarcal, simboliza a autoridade máxima e, até mesmo, a divindade

(Deus pai, pai dos deuses, chefe de família, proteção paterna, pátria e outros conceitos semelhantes). No simbolismo da psicologia profunda, o pai exprime a instância de ordem do superego. O rei ou imperador, muitas vezes, é visto como representante do Pai Celestial e definido como “pai da pátria”. A Bíblia apresenta claríssimos traços patriarcais, mais tarde adotados também pelo cristianismo, como, por exemplo, no Pai-Nosso. O teólogo e estudioso das religiões Friderich Heiter (1892-1967) considerou como fenômeno religioso originário a relação que liga Deus à pessoa em atitude de oração, semelhante ao relacionamento que o filho tem com o pai, quando conversa ou abre seu coração em confidências. (BIEDERMANN, 1993).

Para o autor/apenado, trata-se de “uma homenagem ao super-herói da infância, ao confidente da adolescência e ao amigo do resto da vida”. A influência do pai pode “aparentar-se à do atrativo exercido pelo herói ou pelo ideal. O pai é não somente o ser que alguém quer possuir ou ter, mas também o que a pessoa quer vir a ser e de quem quer ter o mesmo valor. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 678).

Por isso, consideramos que, ao escrever o texto, o autor demonstra o forte sentimento que nutre pela figura paterna: “Pai, fica aqui registrado tudo o que sempre/quis te dizer/te amo, te amo e jamais irei te esquecer!!!”

Os atos heróicos do pai são, provavelmente, manifestações de autonomia ou o resultado de verdadeiros sacrifícios para conseguir o sustento da família diante de circunstâncias difíceis, os quais o filho gostaria de imitar. Segundo Spiegel (2003), não é casual que, nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial e em outros espaços de detenção, uma das consignas dos guardas era a destruição do ser autônomo. Então, os prisioneiros precisavam impedir essa destruição, mantendo uma pequena parcela de dignidade, podendo escolher entre uma atitude egoísta e de submissão ou um interesse pelos outros, dando um pouco de liberdade a determinada circunstância.

Parece-nos que ele admira o pai, transformando-o num ídolo, e que há reciprocidade e correspondência nos sentimentos paternos, pois o pai é capaz de passar por muitas situações constrangedoras, como as visitas à prisão, e faz o possível para proteger o filho. A relação apresenta um sentido de cumplicidade, talvez até em pensamentos e atitudes. O amor que o autor diz sentir pelo progenitor o faz, por alguns momentos, esquecer o que se passa na prisão, sentindo-se protegido e cuidado por esse amor ao relatar a certeza de que o seu pai é o seu porto seguro, capaz de cuidá-lo e de lhe oferecer um futuro melhor.

Por outra parte, tomando a figura do pai como símbolo, representa, dessa maneira, geração, dominação e valor. Em termos de psicanálise, pode ser uma representação da autoridade, e o papel paternal pode se transformar em ato desencorajador dos esforços emancipatórios, exercendo uma influência que é limitada pelas leis e mantém a dependência, não permitindo o crescimento pessoal próprio da maturidade.

Da idiossincrasia do preso e da dinâmica da prisão

O conteúdo do texto relata a realidade da vida atrás das grades, o ambiente carcerário que só é nocivo e favorável ao crime, assim como o temperamento difícil da maioria dos presos, que só aumenta o problema. Remete, também, ao descaso da sociedade e do Estado, que não têm interesse na recuperação do preso nem se importam com o cumprimento das leis. O texto aponta: “Na prisão onde cumprio pena, a PASC, apenas 27% dos presos, aproximadamente, ‘trabalham’. Contrariando o que determina a lei n° 7.210, art. 31. A ‘remuneração’ por esse trabalho é de R\$ 6,00 (seis reais!) mensais.”

Os valores morais são apresentados pelo autor, como ficção, em razão da impunidade existente que provoca diferenças socioeconômicas, ou seja, no caso de crimes cometidos por cidadãos de classe alta, a falta de castigo acaba por deixar os sistemas jurídico e penitencial desacreditados. Outro fator citado é a crença de que todo criminoso é passível de recuperação, e que o confinamento sem assistência só gera rebeldia, sendo preciso preparar os detentos para que voltem ao convívio social dignamente e que estejam prontos para exercer uma profissão. O autor escreve, para concluir o texto: “É necessário que se acabe com essa dicotomia de se achar que o Estado é uma coisa e que a sociedade é outra coisa, pois na verdade são uno. E que o preconceito, esse sentimento infame, em relação ao preso seja posto de lado.”

O título evoca a relação das características peculiares dos detentos e sua vida no cotidiano e na realidade do cárcere. O significado do texto para o autor é: “Descreve o perfil do apenado, atitudes baseadas no psicológico e também fala da dinâmica da prisão.”

O termo *prisão* e seus sinônimos, *cadeia* e *correntes*, simbolizam para Sócrates, a união da felicidade do ser humano à prática da justiça, quer dizer, o brilho e a solidez de seu raciocínio. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002). Mas não é essa a realidade retratada pelo autor/apenado, sequer há dúvidas de que se trate de uma fantasia ou

de um delírio. O cotidiano mostra evidências claras da falta de justiça em todo o mundo, e na prisão existem códigos de justiça diferentes dos que são utilizados fora dela. Assim como a leitura dos jornais nos permite apreciar que, como diz o ditado popular, “há dois pesos e duas medidas”, a aplicação dos castigos pelo sistema judicial depende da classe social à qual pertence o réu.

A espada e a balança são os atributos da justiça: a balança para equilibrar e a espada para condenar. Segundo Aristóteles, a missão da balança é o equilíbrio social e a da espada, o poder distributivo. A Justiça, ou Têmis, ou a balança expressa a vida eterna, o equilíbrio das forças desencadeadas, as correntes antagonistas, a disciplina e a consequência dos atos. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002).

O texto se apresenta como um desabafo de tudo o que o autor julga errado na realidade em que vive, desde o comportamento dos companheiros de prisão até o sistema carcerário e a sociedade em geral. Aprofundando a discussão sobre a violência, muitas máscaras caíam, revelando, assim, um sistema corrupto de articulação e funcionamento do mundo. Com os holofotes focados na dinâmica da exclusão, da exploração e da opressão sobre as grandes massas sociais, seria possível fazer uma análise sobre a violência que não interessa aos estratos sociais dominantes. É por isso que, apesar de tudo o que se fala sobre o assunto, não há vontade política de colocar em movimento ações que permitam uma construção da vida social em paz. Balestreri afirma que

do fenômeno globalizado da violência que se encontra no dia-a-dia de todas as culturas e de todas as pessoas, inclusive no nosso. Se formos bem honestos, teremos que reconhecer que a violência está internalizada dentro de cada um de nós, ainda que procuremos alternativas. Somos também produtos desse mundo violento. (2004, p. 33).

O detento demonstra consciência acerca da violência presente no cárcere e fora dele; tem habilidade no manejo das palavras e conhecimento psicológico e jurídico ao escrever sobre as suas ideias e pensamentos. Como diz Bachelard, “o exterior e o interior são ambos íntimos; estão sempre prontos a inverter-se, a trocar sua hostilidade. Se há uma superfície-limite entre tal interior e tal exterior, essa superfície é dolorosa dos dois lados”. (2000, p. 221).

O autor do texto afirma ser possível a recuperação de criminosos, mas, para isso, é preciso haver uma base educacional e profissional dentro da prisão. Nota-se que o apenado tem um senso de realidade muito grande na medida em que relata o problema; preocupa-se em citar soluções, parecendo ter consciência de seus direitos e deveres, pois deixa bem clara no texto a crítica ao sistema penitenciário, ao Estado e à sociedade.

Simple pensamento

Essa poesia parece ser a história do próprio autor, que está na prisão e luta com a força do seu pensamento para imaginar que não há grades que o aprisionam. Ele tenta se fortalecer perante as dificuldades que está vivendo e finge já estar livre. Os primeiros dois versos dizem: “Minha vida é um contratempo/ Vou levando contra o vento.”

O simbolismo do vento apresenta vários aspectos: “Devido à agitação que o caracteriza, é um símbolo de vaidade, de instabilidade, de inconstância [...]. Os ventos também são instrumentos da força divina; dão vida, castigam, ensinam; são sinais e, como os anjos, portadores de mensagens.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 935-936).

Os dois primeiros versos da segunda estrofe afirmam: “Mas logo levanto a cabeça/ E já sou firme como um juramento.” A cabeça humana, devido a sua forma esférica, expressa um universo, um microcosmo. Levantar a cabeça pode indicar uma recuperação da autoestima e da dignidade. Entretanto, o juramento pode simbolizar um contrato, a força da lei perante o testemunho dos deuses. “No fundo, o juramento se revela uma aliança cósmica à qual a testemunha recorre para garantir a sua palavra.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 526).

O último verso da segunda estrofe é “Luto com a força do meu pensamento”, fazendo uma referência à função da cabeça, ao pensar. A luta está vinculada ao ritual de estimulação das forças genésicas e das forças da vida vegetativa. Lutar com força pode indicar, no plano psicológico, que nossa vontade precisa usar as forças do inconsciente, a fim de nos transformar em pessoas melhores. No conjunto do tarô, a força é a única carta que não tem uma complementar, parece ser um sinal de que, na batalha interior, estamos sempre sós. A imagem da carta apresenta uma mulher segurando a boca de um leão. Implica a necessidade de dominar os nossos impulsos violentos. (NICHOLS, 1989).

Para o autor significa que uniu tudo que passou na cadeia e na rua, momentos bons e ruins. Tudo está registrado em seu pensamento, que não para, está sempre vagando de um lado para o outro.

Entendemos que o significado do texto fala das lutas contra o tempo e das dificuldades que o entrevistado encontra na prisão, assim como encontrou antes na rua. Contudo, não são obstáculos suficientes para fazer com que o detento desista de lutar e sonhar com a liberdade e, assim, sentir-se um pouco livre. É uma pessoa que só passou a refletir sobre a possibilidade de mudar depois de preso, quando percebeu que é preciso sonhar e lutar. O texto, desse modo, indica instabilidade,

castigo e sofrimento, mas uma aprendizagem sobre a luta interior. A força que busca pode ser um estímulo para superar a fase caótica da prisão, aprendendo a pensar de modo diferente e tentando refazer o seu caminho.

Gaúcho dos pampas

O autor fala da sua origem, da ligação telúrica, de situações próprias de quem lida com a música e os costumes dos pampas; seus sentimentos em relação à terra são compartilhados com a fé no céu. Nas primeiras duas linhas ele escreve: “Sou filho desses meus pampas / dos pampas que Deus me deu”. Nas últimas duas linhas confirma: “Adoro meus verdes pampas/e a Deus o meu bom patrão.”

Os símbolos do Ser Divino são, principalmente, os do pai, do juiz, do todo-poderoso. Deus é a expressão da vida. Não é de admirar que os seres humanos tenham chegado a significações infinitamente variáveis de Deus nem que tenham transferido para a sua ideia de *Ser Superior* o conhecimento que tinham de si mesmos e do seu relacionamento com a realidade, projetando seus desejos e seus temores num *Senhor* capaz de satisfazê-los e de defendê-los. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002).

Na segunda estrofe, o autor escreve: “Troteio as cordas da viola/Na trova do arrasta pé/No laço ninguém me ganha/Na trova tem que me ver.” O simbolismo da corda está ligado, de maneira geral, ao da ascensão, como a árvore, a escada de mão e o fio da teia de aranha. A corda indica o desejo de subir; amarrada em nós, simboliza qualquer espécie de vínculo e possui virtudes secretas ou mágicas. Assim também, o laço expressa o vínculo que une os membros de um mesmo corpo social. (DURAND, 2001).

O termo *arrasta-pé* refere-se ao ato de dançar, de celebrar e de se comunicar por meio da expressão corporal. Sendo o pé um ponto de apoio do corpo na caminhada ou na dança, pode ser um símbolo de consolidação, uma expressão da noção de poder, de mando; implica também a ideia de origem e designa, igualmente, o fim, posto que sempre, na caminhada, o movimento começa pelo pé e termina pelo pé.

O pé do homem deixa sua marca sobre as veredas – boas ou más – que ele escolhe, em função de seu livre-arbítrio. Inversamente, o pé leva a marca do caminho – bom ou mau – percorrido. Isso explica os ritos de lavagem dos pés, que são *ritos de purificação*. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 695).

O autor diz que só escreve sobre a realidade das coisas, sobre aquilo que é “verdadeiro e puro”, não acreditando em mitos ou suposições. Tem como objetivo sair da

prisão e progredir na vida; embora tenha muitas marcas do passado, está alicerçado, firme, para seguir sua trajetória.

Entendemos que se sente orgulhoso de ser gaúcho e de ter nascido nos pampas. Há um sentimento de impotência que o leva a buscar na fé em Deus sua segurança e o seu apoio. Se o verde dos pampas é símbolo que traz nova vida, indica que haverá uma renovação, porque está se esforçando para se reconstituir dos erros. O verde representa a esperança de um modo diferente de viver.

Valor de uma liberdade

O texto poético é o relato de um mundo fora da prisão, com suas maravilhas e horrores, a lembrança dum mundo de pessoas livres que, em definitivo, não lhe pertence. Expressa os sentimentos que o abalam dentro da prisão, onde, aos poucos, é invadido pela tristeza, pela angústia e pela solidão. Contudo, apesar de tudo que está vivenciando, o autor quer muito a liberdade para poder desfrutar da vida em paz.

Na primeira linha ele escreve: “Lá fora há um mundo que não é meu.” E adiante: “E aqui dentro há um coração que bate.” O simbolismo do mundo com os seus três níveis – celeste, terrestre e infernal – corresponde a três modos da atividade espiritual. A vida interior é, assim, projetada no espaço externo. Segundo Bachelard (2000), o mundo exterior e o interior formam uma dialética de “esquartejamento”. A geometria implícita, evidente nesses espaços, espacializa o pensamento e nos cega ao introduzi-la em âmbitos metafóricos, fazendo-se dela uma base imagística que comanda os pensamentos na dualidade: bem/mal; negativo/positivo; e ser/não-ser. Na perspectiva das expressões geométricas, a dialética do interior e do exterior fundamenta-se num reforço de limites ou barreiras. Os termos exterior e interior não são simétricos, mas recebem qualificações oriundas da vivência das circunstâncias. O exterior, na rua, e o interior, na prisão, não necessariamente são sinônimos ou efeitos especulares dos sentimentos do autor em relação ao espaço privado da intimidade e ao espaço público como expressão de liberdade. Mas qual é o valor da liberdade?

O texto apresenta dicotomias sobre o que acontece no espaço externo, por exemplo: “Há crianças nascendo e outras brincando,/alegrias morrendo como nossos pais.” Entretanto, dentro do cárcere só: “Há uma angústia lenta,/Uma solidão vivente.” Não há diferenças entre o positivo e o negativo, tudo é negativo. Aparece

somente um aspecto positivo interno, que se trata do esforço que o preso faz para ser libertado, para ganhar a rua, para ganhar a liberdade e, com ela, poder aprender o valor de ser livre e aproveitar a vida em paz. Talvez, o autor tenha tentado buscar na poesia, a falta que sente do mundo fora da prisão, as lembranças que ainda guarda do tempo em que desfrutava de liberdade e de pequenos acontecimentos do cotidiano de uma pessoa livre. Também deixa claras para nós a saudade e a preocupação com o sofrimento da família pela sua ausência e as amizades interrompidas pelo fato de estar preso. Ele nos dá a impressão de que sente que está perdendo muitas coisas, e que o tempo não voltará atrás, porém sabe que o mundo fora das grades da prisão não é fácil, oferecendo muitas armadilhas e tentações. Por fim, manifesta o desejo enorme de viver em liberdade novamente e de viver tudo o que a vida oferece, pois, mesmo preso, mantém viva a esperança, fazendo um esforço para que a tristeza não o abata.

Nós dois

A autora fez uma poesia sobre o amor, ao qual não resiste, mostrando o encantamento pelo homem amado. O amor a leva até aquilo que nunca teve, tem medo do que ele fala, mas se entrega a esse amor. Nos primeiros versos, ela escreve: “Tu me agarras com a violência do caçador,/ E eu me entrego com a humildade da caça.”

No simbolismo do ato de caçar, presente neste texto, o homem imita o comportamento de outro animal para fazer com que o animal caçado (a mulher) acredite que não é ele quem a persegue. Essas práticas podem obedecer a duas ideias: a primeira, que o homem se identifica com o animal por intermédio da caçada, o animal selvagem cobre sua presa, antes de dilacerá-la e de devorá-la, como diz o terceiro verso: “Tu me cobres com a prepotência de um conquistador”; o segundo aspecto, que o caçador perturba a vida da presa, mas não a devora, e sim, a retém, como lemos no sexto verso: “E eu me encosto na cama macia do teu peito e tu me deixas.” É aí que podemos observar os dois processos: o da sedução e o da posse. Embora a mulher caçada pareça não apresentar resistência física ao caçador, há uma avaliação valorativa que pode vir-a-ser uma objeção futura: “E eu penso em tudo que não é direito.”

No quinto e no nono versos, respectivamente, a autora escreve: “Tu me olhas com olhos de detetive” e “Tu que desenhas a fórmula exata do desejo com teus olhos.” Sobre o significado do olhar, Chevalier e Gheerbrant (2002) afirmam:

O olhar é carregado de todas as paixões da alma e dotado de um poder mágico, que lhe confere uma terrível eficácia. O olhar é o instrumento das ordens interiores: ele mata, fascina, fulmina, seduz, assim como exprime. [...] O olhar aparece como o símbolo e instrumento de uma revelação. Mais ainda, é um reator e um revelador recíproco de quem olha e de quem é olhado. O olhar de outrem é um espelho que reflete duas almas. (p. 653).

Em relação ao significado do título, o número *dois* é símbolo de oposição, de conflito, de reflexão e de equilíbrio. Trata-se da primeira pessoa do plural (nós) e da mais radical das divisões: o criador e a criatura, o masculino e o feminino, a matéria e o espírito. Os dois exprimem um antagonismo que se torna manifesto, uma rivalidade, uma reciprocidade, que tanto pode ser de ódio quanto de amor; uma oposição que pode ser contrária e incompatível, mas também complementar e fecunda. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002).

A autora fala pouco em relação ao significado do poema e diz que se sente bem ao escrever, porque a poesia vem de dentro para fora. Não relata – durante a entrevista – nada mais específico sobre a poesia publicada no livro. No texto ela descreve o jogo da sedução para a conquista do outro, o que um simples olhar é capaz de transformar dentro de um outro ser, de mudar seus sentimentos, ficar sem forças, sem atitudes e acabar por se entregar à paixão sem medir as consequências desse ato. Expõe no penúltimo verso: “Nós dois somos semente jogada a qualquer sorte,/ Simplesmente nós dois.” O poema indica que a autora, na revelação do seu amor por alguém, sente-se jogada, abandonada, desprotegida diante do desconhecido, deixando-se levar pelo ardor dos seus sentimentos.

A chave do cofre

O autor relata o fato de existir um cofre fechado com dinheiro dentro, sobre uma mesa, cuja chave fica em seu poder. Para ele, a esperança de liberdade não está perdida. O título apresenta um significado de poder, a possibilidade de alcançar um objetivo ou a oportunidade para descobrir um segredo, que só quem possui a chave pode saber qual é.

Na primeira estrofe o autor diz: “No cofre eu guardo a chave/ Do cofre a chave,/ Em cima da mesa.” O simbolismo do cofre apresenta dois aspectos fundamentais: a possibilidade de nele haver um tesouro material ou espiritual e o fato de que sua abertura seja equivalente a uma revelação. O cofre pode ser considerado como o suporte da presença divina. A revelação da divindade não pode ser leviana, o cofre

somente pode ser aberto na hora estabelecida e pelo detentor legítimo da chave. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002).

Em relação ao símbolo da chave e da fechadura, Bachelard (2000) se opõe a uma interpretação psicanalítica, considerando-a muito simplória e reduzida à dimensão sexual. Ele afirma que

a poesia transcende inteiramente a psicanálise. De um sonho ela sempre faz um devaneio. E o devaneio poético não pode contentar-se com um rudimento de história; não pode fixar-se num nó complexual. O poeta vive um devaneio que vela; e, acima de tudo, seu devaneio permanece no mundo, diante dos objetos do mundo. Ele acumula o universo em torno de um objeto, num objeto. Ei-lo que abre os cofres, que condensa riquezas cósmicas num pequeno cofre. (p. 97).

A chave, objeto com o qual se pode abrir ou fechar o cofre, é um símbolo que expressa o poder daquele que a possui, é um modo de decifrar um código secreto, a interpretação de um símbolo ou enigma. Nos brasões, as chaves significam a fidelidade ao senhor e, em alguns sistemas maçônicos, a chave é símbolo e emblema da dignidade do mestre ou tesoureiro. (BIERDMANN, 1993).

O significado da escrita para o autor é “uma realidade, tinha um cofre em cima de uma mesa que servia para guardar o dinheiro dentro”. Aqui cofre e dinheiro parecem ser mais importantes que a chave ou a fechadura. Um aspecto importante do simbolismo das moedas é o do valor. Pode haver uma relação entre o significado do dinheiro e o pecado da cobiça. A concepção puramente quantitativa do dinheiro marca o esquecimento do simbolismo e sua degenerescência. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002).

Para nós, a poesia retrata a realidade vivida pelo autor, que, talvez, quisesse expressar que o cofre com o dinheiro tem sido uma espécie de tentação, que pode ter-lhe custado a liberdade ou, ainda, o cofre pode representar os seus segredos interiores ou seus medos, e a chave, a espera da esperança ou a liberdade recuperada.

Entre grades

O autor descreve na poesia uma noite silenciosa na prisão, onde aceita o seu destino, recolhendo-se com seus pensamentos, pois sente que com eles consegue voar. As paredes da cela são as testemunhas de sua dor, e seu companheiro de prisão

testemunha o seu pranto. Acredita que os erros cometidos no passado estão sendo reparados pela justiça, mas sente que o tempo anda devagar, maltratando, assim, o sonho de liberdade que existe dentro dele. Contudo, não desiste dos seus sonhos e da vontade de ser melhor e livre.

O título refere-se às grades do cárcere, de onde a pessoa não tem saída, não consegue agir livremente; é a prisão física como a de um pássaro na gaiola. Os dois termos expressam fortemente o desespero do autor, sujeitado pelas barras de ferro, pelos guardas, pelo sistema prisional. As imagens ornitológicas e o ato de voar remetem, para Durand (2001), ao desejo de elevação ou de sublimação.

O poema inicia com os seguintes versos: “Aqui, agora, se sobrepõe a calma,/ a noite é silêncio e brilho/ de estrelas. Lá fora pulsa a vida/ na cidade iluminada.” Nem sempre a noite é concebida como ausência de luz, embora se relacione simbolicamente com a escuridão cheia de segredos. O autor fala do brilho das estrelas e das luzes da cidade, remetendo ao palco luminoso da vida noturna urbana e ao desejo reprimido de ser um ator vivo nesse cenário, indicando que se lá fora pulsa a vida, logo, estar entre grades pode ser uma forma de estar morto.

Mais adiante, ele escreve: “Sou pássaro sem asas,/ vôo apenas em pensamentos.” O simbolismo do pássaro implica a força que inspira os seres humanos a descobrirem discursos sábios, um pássaro sem asas; então, pode estar mergulhado na ignorância. “Como os pássaros são elevados por suas plumas e se mantêm no ar, assim a alma no corpo é elevada através dos pensamentos e se propaga por tudo.” (BIEDERMANN, 1993, p. 285).

O autor/apenado ressalta, na entrevista, que na própria poesia está o significado: “No silêncio da noite, me recolho interiormente aos meus sentimentos e compreendo que meus erros passados estão sendo reparados pela justiça.” Acrescenta: “Meus sonhos não irão morrer, por que busco na fé a força necessária para voltar a voar livre novamente.”

Pensamos que, ao se comparar com um pássaro, ele mostra que há dentro de si um desejo enorme de liberdade e que pode voar com a imaginação, o que implica buscar a fonte da vida. Apesar de ter clareza sobre sua atual situação, não deixa de pensar no futuro. Sabe que precisa pagar pelos seus erros passados e crê que as agruras de hoje servirão para ter um amanhã melhor, visto que se modificou como pessoa e está livre para poder voar novamente, em paz com a justiça e com a sua consciência.

Considerações finais

Verifica-se que há uma abrangente implicação da escrita na vida dos entrevistados, todos autores/apenados que participaram de um concurso literário. Evidenciou-se, assim, que houve uma produção e uma significação contida nas prosas e poesias criadas por seus autores, todos integrantes do sistema carcerário do Rio Grande do Sul, formando um campo educativo estético associado à atividade produção textual. As prosas e as poesias foram, por sua vez, interpretadas, resultando, desse modo, na interpretação dos pesquisadores sobre as narrativas orais – por meio de entrevistas realizadas com os autores dos escritos – e, propriamente, das escritas produzidas pelos participantes. Se, agora, o autor/apenado diz estar no fundo do poço, podemos entender que se encontrou com toda a verdade, que está perturbando sua consciência. A luz, em forma de lua, pode simbolizar que essa busca significa crescimento e transformação, sendo necessário adentrar no escuro de sua vida, no inconsciente, na depressão, no medo que havia dentro dele de procurar a luz como fonte de alegria, como solução diante de suas carências.

Referências

- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: M. Fontes, 2000.
- BALESTRERI, R. Consciência moral e construção da paz. *Textual*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 31-37, maio 2004.
- BIEDERMANN, Hans. *Dicionário ilustrado de símbolos*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. et al. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 17. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2002.
- CONCURSO Literário do Sistema Penitenciário do RS. *O pensamento é livre: prosa, poesia, desenho*. Porto Alegre: Susepe/SMC, 2002.
- DURAND, G. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1988.
- _____. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- _____. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral*. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2001.
- ECO, U. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: M. Fontes, 2001.
- JUNG, C. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- _____. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, C. (Org.). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

_____. *Símbolos de transformación*. Buenos Aires: Paidós, 1982.

_____. *A dinâmica do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1991a.

_____. *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1991b.

NICHOLLS, J. G. *The competitive ethos and democratic education*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

ORMEZZANO, Graciela; GAGLIETTI, M. J. Muros transparentes: tópicos de pesquisa sobre a narrativa encarcerada. In: ORMEZZANO, Graciela; FRIDERICHS, Bibiana de Paula (Org.). *A pesquisa em diálogo: comunicação, arte, educação*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2006. p. 207-220. v. 1.

SOARES, D. H. P. et al. O uso de mandalas na orientação profissional. In: ORMEZZANO, G. (Org.). *Questões de arteterapia*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2004. p. 38-53.

SPIEGEL, A. *Héroes invisibles: historias de la vida cotidiana para educar en valores*. Rosario: Homo Sapiens, 2003.